

Eleição deixa Sarney na encruzilhada

Presidente está entre recosturar a Aliança ou buscar apoio na direita

ARMANDO S. ROLLEMBERG
Editor de Política

Em sua passagem por Aracaju, sexta-feira, o presidente José Sarney ouviu do governador João Alves Filho uma exortação: "Esta é a hora exata de a Aliança Democrática (PMDB-PFL) dar uma lição de maturidade política, cicatrizando as feridas da luta municipal, para fortalecer o nosso Presidente eleito em função de um projeto de governo que todos nós temos a responsabilidade de viabilizar". Caso contrário, concluiu o governador, "o Presidente teria que absurdamente apelar para outros grupos de apoio, grupos que foram no passado ferrenhos adversários da Nova República".

Os jornalistas presentes à solenidade, imaginavam que na resposta teriam o "lead" da notícia. Mas, estranhamente, o Presidente, no seu improviso, preferiu ignorar a questão tão claramente colocada pelo governador. A desconversa do Presidente aconteceu justamente no Palácio Olympio Campos, defronte à Praça Fausto Cardoso, marco da campanha que fez de Jackson Barreto, candidato modelo da Aliança Democrática, o prefeito

mais bem votado do País. O discurso de Sarney ficou solto no ar, fazendo pairar sobre a platéia uma série de indagações.

Não era para menos. Afinal, desde que o resultado das urnas de São Paulo foi conhecido, os jornais passaram a noticiar algumas articulações, que, engendradas entre si, sugeriam a pavimentação de um novo caminho, o oferecimento de uma nova base de sustentação político-parlamentar para o seu Governo. A armação de um bloco suprapartidário, proposta feita pelo secretário-geral do PMDB, Roberto Cardoso Alves — por sinal, um janista declarado —, para "libertar" Sarney do jugo do PMDB; a sugestão feita pelo deputado Flávio Marcillo de fusão do PDS com o PFL para respaldar aquilo para a frente o Governo; o boato, discretamente estimulado pelo Planalto, de que o senador Luiz Viana Filho, do PDS, poderia surgir como ministro das Relações Exteriores na reorganização provocada pela reforma ministerial; e, finalmente, a teimosia do ministro Antônio Carlos Magalhães em acenar publicamente com a formação de um novo partido, "de centro", (ou o "partido do Sarney", como chegou a ser apelidado), mas que meros sinais des-



○ governador João Alves fez a opção: PMDB e PFL devem fortalecer o Presidente e evitar que, absurdamente, ele busque outros grupos

conexos, sugeriam um jogo com objetivo definido: setores conservadores, alguns nitidamente de direita, expressavam dessa forma a descarada intenção de sabotar a Aliança Democrática, abrindo à frente do Presidente uma nova alternativa para o seu Governo.

ENCRUZILHADA

Concretamente, a direita colocou o presidente numa encruzilhada, de duas vias: tentar recosturar a Aliança Democrática, mais ou menos nas mesmas bases que permitiram sua eleição na chapa encabeçada por Dr. Tancredo Neves, ou desmanchar tudo, formando uma correlação de forças hegemonicamente conservadora que lhe desse sustentação no governo.

O presidente Sarney permaneceu exatos sete dias parado nessa encruzilhada, passou por Aracaju sem mover um passo, mas não teve como fugir ao dilema quando chegou a Recife. E bem verdade que em momento nenhum ele tratou a questão de forma incisiva, pública. Mas os governadores que participaram da reunião no Palácio do Campo das Princesas saíram alardeando que ele, finalmente, havia feito sua opção: em vez da guinada à direita, Sarney pregara a necessidade do fortalecimento da Aliança Democrática.

O que terá passado pela cabeça do Presidente, muito pouca gente sabe. Ele tem assumido uma postura extremamente cautelosa ao tratar do problema. Mas não custa tentar, à luz do quadro que aflorou das urnas, adivinhar-lhe os meandros de sua preocupação. Inegavelmente, reduzido o dilema a uma dimensão meramente aritmética — o aliciamento de um número de congressistas suficiente para formar uma bancada capaz de dar suporte à sua política — até que a proposição feita pela direita faz algum sentido. Colocados no mesmo saco — ou num mesmo bloco — os sobreviventes do PDS, os liberais do PFL, os fisiológicos do PTB e a parcela mais moderada do PMDB, somados, poderiam formar numericamente uma expressiva base de apoio parlamentar, na Câmara e no Senado.

Não é preciso ser futurólogo. Basta ler o que os jornais estão anunciando como um grande acontecimento para a próxima semana: o encontro entre o

Brizola, e o presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva. Também não é difícil adivinhar desde já qual será o "lead" dessa reunião: os dois vão defender publicamente a realização da eleição presidencial já em 1986. Ora, na primeira entrevista depois de eleito, Jânio Quadros defendeu cinco ou seis anos de mandato para o Presidente. Ou seja, de um lado, o PT e o PDT reerguem, com as energias acumuladas por significativas vitórias e um bom desempenho junto ao eleitorado, a bandeira do encurtamento do mandato presidencial. No outro extremo, o cavalo de tróia das forças conservadoras, após um período de cinco ou seis anos.

O presidente José Sarney pode (?) até não aspirar mandato tão longo, mas certamente não gostaria de vê-lo precocemente interrompido já no final do próximo ano. Nessa viagem ao Nordeste, ele parece ter concluído sua leitura das urnas, convencendo-se de que para garantir seu mandato, não pode prescindir da esquerda do PMDB. O realinhamento à direita, com o inevitável alijamento das correntes de esquerda do partido, certamente inflaria perigosamente o balão do encurtamento do seu mandato.

O presidente Sarney, que nunca foi bobo, enxergou a ameaça no horizonte, e resolveu pular do muro para os lados da Aliança, deixando (pelo menos por enquanto) sem resposta o oferecimento de socorro feito pela direita. Na Constituinte, ele poderá até repensar sua estratégia, quem sabe articulando o seu próprio partido. Mas até lá, não lhe resta, do ponto de vista político, outra alternativa menos arriscada do que a convivência com a Aliança Democrática.

Claro, em meados de fevereiro, quando for fazer a reforma do Ministério, ele vai procurar imprimir sua marca pessoal na equipe, tentando inclusive ampliar o espectro das forças que lhe dão sustentação parlamentar, buscando atrair dissidentes, descontentes e desiludidos, mesmo nos arraiais do seu antigo partido — o PDS. Mas terá que fazê-lo com muito cuidado, para não ferir susceptibilidades no campo esquerdo da Aliança, cujos integrantes são agora os principais avalistas da integridade do